

Palavras-imagens-palavras: um caminho metodológico para o ensino de arte

Words-images-words: a methodological
path for teaching art

Palabras-imágenes-palabras: un camino
metodológico para la enseñanza del
arte.

Lara Maria de Melo Dias¹

Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral²

1 Lara Maria de Melo Dias: mestra em Artes pelo programa de Mestrado Profissional em Artes-ProfArtes no Instituto Federal de Goiás-(IFG-GO). Atua como professora de Arte na Secretaria de Educação do Estado do Distrito Federal (SEEDF). Como pesquisa, transita pela compreensão da apropriação de palavras para aguçar memórias no ensino de artes visuais e poéticas visuais individuais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7257799929804961>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1010-6234>. E-mail: laramariam@gmail.com.

2 Doutora em Arte e Cultura Visual pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (UFG), mestre em Cultura Visual (UFG) e licenciada em Artes Visuais (UFG). Professora na Faculdade de Artes Visuais da UFG. Tem experiência na área de Artes Visuais pesquisando os seguintes temas: ensino de arte, formação de professores/as, ações educativas em diálogo com poéticas visuais contemporâneas. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5975075892881891>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8510-2473>. E-mail: valeriefabiane@ufg.br.

RESUMO

A narrativa em primeira pessoa é como realizei a escrita dessa pesquisa, não uma primeira pessoa ensimesmada de forma personalizada, mas para além de minhas vivências relatar as minhas experiências. Realizar essa pesquisa passa pelo meu entendimento sobre docência, quando relato vivências que não me distanciam como observadora desse mundo e me situam como vivente em um lugar que considero de terras-paisagens- terras. Lugares embreados pelas angústias da pesquisa, da docência, envolto nas ausências, nos esvaziamentos, nas dúvidas e nas incertezas que não são características minhas apenas, mas que podem nascer no encontro com os/as leitores/as dessa pesquisa. Explicito como crio metáforas para deixar claro o que entendo e como penso palavras e imagens como terra e paisagens. As experiências docentes e de discente são terras que são levadas para outros espaços onde se ressignificam em lugares que logo vão se transformar. Compreendo com Tuan (1983) que esses espaços e lugares não são apenas circundantes de fatores geopolíticos e compartilho a ideia de um viver social, histórico e cultural com as subjetividades de cada indivíduo. Refiro-me ao meu encontro com textos que me indicaram como eu crio e me aproprio das palavras a partir das palavras-imagens-palavras numa perspectiva contemporânea de ensino. Nesses momentos reflexivos, descobri com Magritte, no texto de Foucault (1988), através do sistema de representação verbal e visual em busca de semelhanças e similitudes, com Beck (2004) que o sistema de significações propõe um caminho para pensamento possível. E em diálogo com Didi-Huberman (2010) entendi um pouco mais sobre a interação com a imagem. Dessa forma, a proposta apresentada nessa pesquisa apresenta um caminho metodológico para pensar o ensino de arte com palavras-imagens-palavras.

PALAVRAS-CHAVE

Docência; memória; ensino de artes visuais; Palavras-Imagens-Palavras.

ABSTRACT

The first-person narrative is how to write this research, not in a personalized first person, but beyond my experiences related to my experiences. Carrying out this research involves my understanding of teaching, when I report experiences that did not distance me as an observer of this world and I situated myself as living in a place that I consider to be lands-landscapes-lands. Places embraced by the anxieties of research, of teaching, surrounded by absences, emptiness, doubts and uncertainties that are not just my characteristics, but that can be born in the encounter with the readers of this research. I explain how I create metaphors to make clear what I understand and how to think about words and images such as land and landscapes. Teaching and student experiences are lands that are taken to other spaces where they are given new meaning in places that will soon transform. I understand with Tuan (1983) that these spaces and places are not just surrounding geopolitical factors and I share the idea of social, historical and cultural living with the subjectivities of each individual. I refer to my encounter with texts that showed me how I create and appropriate words from words-images-words in a contemporary teaching perspective. In these reflective moments discovered with Magritte, in Foucault's text (1988), through the system of verbal and visual representation in search of similarities and similarities, with Beck (2004) that the system of meanings proposes a path to possible thought. And in dialogue with Didi-Huberman (2010) I understood a little more about the interaction with the image. Thus, the proposal presented in this research presents a methodological path to think about teaching art with words-images-words.

KEY-WORDS

Teaching; memory; teaching visual arts; Words-Images-Words.

RESUMEN

La narración en primera persona es la forma en que escribí esta investigación, no una primera persona ensimismada de manera personalizada, sino más allá de mis experiencias para relatar mis experiencias. La realización de esta investigación pasa por mi comprensión de la docencia, cuando relato experiencias que no me alejan como observador de este mundo y me sitúan como un habitante en un lugar que considero de tierras-paisajes-tierras. Lugares avergonzados por las ansiedades de la investigación, de la docencia, envueltos en ausencias, vacíos, dudas e incertidumbres que no solo son mis características, sino que pueden nacer en el encuentro con los lectores de esta investigación. Explico cómo creo metáforas para dejar claro lo que entiendo y cómo pienso sobre palabras e imágenes como la tierra y los paisajes. Las experiencias docentes y estudiantiles son tierras que son llevadas a otros espacios donde se resignifican en lugares que pronto serán transformados. Entiendo con Tuan (1983) que estos espacios y lugares no solo están rodeados de factores geopolíticos y comparto la idea de una vida social, histórica y cultural con las subjetividades de cada individuo. Me refiero a mi encuentro con textos que me han mostrado cómo creo y me apropio de palabras a partir de palabras-imágenes-palabras en una perspectiva contemporánea de la enseñanza. En estos momentos reflexivos, descubrí con Magritte, en el texto de Foucault (1988), a través del sistema de representación verbal y visual en busca de semejanzas y semejanzas, con Beck (2004) que el sistema de significados propone un camino para el pensamiento posible. Y en diálogo con Didi-Huberman (2010) entendí un poco más sobre la interacción con la imagen. Así, la propuesta presentada en esta investigación presenta una forma metodológica de pensar la enseñanza del arte con palabras-imágenes-palabras.

PALABRAS-CLAVE

Docencia; Memoria; Enseñanza de artes visuales; Palabras-Imagenes-Palabras.

Introdução

Quando surge a necessidade das palavras-imagens-palavras? Essa é uma pergunta que hoje realizo ao finalizar a minha pesquisa de mestrado intitulada de Palavras-imagens-palavras: um processo de criação didático-pedagógica para o ensino de artes visuais. Compreendo hoje que vibro a palavra que transforma o que vejo e ressignifico, e nada mais satisfatório que proporcionar que estudantes escutem suas palavras internas, vibrem ao dizer, transfigurem em novas paisagens e compartilhem experiências.

Assim, esse artigo é a apresentação de um termo que surge na pesquisa de mestrado, o termo palavras-imagens-palavras, e é através dele que me observo e observo o outro, que me escuto e escuto o outro, que me digo e digo ao outro, que ressignifico pela troca e recrio as minhas paisagens.

Portanto, a necessidade das palavras-imagens-palavras é a reconexão com seu espaço em troca com o outro, capaz de se perceber aguçado pelas suas memórias e reconectado com as memórias dos outros. Apropriar-se de palavras pode levar a memórias, as palavras são conjuntos, oferendas, ditos e não ditos, escritas, guardados, achados dentre outros que desvenda o lugar que se está e seu contexto histórico.

Palavras-imagens-palavras

Palavras-imagens-palavras não representam somente um discurso escrito, mas também um discurso poético, no qual a palavra chega enquanto desejo e sensações explícitas em uma camada de formas, texturas e grafismos, fazendo-me perceber o trabalho com palavras como sustentação para experimentações em arte.

Um poema sem palavras, imagético, uma palavra em imagem, uma imagem em poema, as emoções por trás das palavras literárias para criação imagética do cotidiano que possibilita dar significações, sinônimos, antônimos, advérbios e conjunções do dicionário individual.

Nesse caminhar durante a pesquisa se fez necessário compreender a metodologia que desenvolvi para trabalhar com palavras, pois em minha prática docente as palavras sempre surgem durante o meu processo de criação didático-pedagógico. Elas representam para mim terras-paisagens-terras, e configuram a troca da terra que nutre a paisagem e vice e versa. Considero como contínuos os processos de lavar, semear, espalhar, regar, aguar, cuidar para a nutrição de criação de imagens. Terras-paisagens-terras está para palavras-imagens-palavras, em que a palavra alimenta a imagem e a imagem alimenta a palavra.

Utilizo essas metáforas para compreender como a palavra (escrita, falada, pensada) nasce imageticamente nas minhas produções artísticas e didáticas e nos processos artísticos dos/as estudantes. As palavras não são apenas as dos livros e as indicativas na lousa ou nas orientações, são as que saem e encontram outras palavras.

Cada estudante é cercado de palavras internas, ou melhor, terras em encontro com outras se juntam em paisagens mentais e se materializam. Busquei também no dicionário a definição do que significa: palavra, terra, imagem e paisagem³, para conhecer seus significados e criar maiores relações, como uma maneira de coletar palavras e me apropriar delas.

Nesses momentos reflexivos, incitados pela investigação, surgiram algumas questões: a) Como é possível significar e ressignificar um processo didático-pedagógico para a utilização de uso das palavras-imagens-palavras para desenvolver o ensino de artes visuais; b) De que maneira as imagens podem aguçar a consciência dos/as professores/as; e c) Como nos vemos nas palavras que nos rodeiam?

Ao levantar essas indagações demonstrei minha intenção de pesquisar como esse processo é capaz de desenvolver meu olhar nesse caminho para aprendizagem, quando investigo as possibilidades de ensinar em diálogo com palavras-imagens-palavras. Essa pesquisa surgiu das minhas práticas, porque ainda não havia conseguido desenvolver um processo de registros e análises do modo como venho trabalhando enquanto professora de Artes Visuais. Foi por um desejo enorme que surgiu e se tornou necessário registrar, questionar, pesquisar referências, realizar reflexões e desenvolver processos.

Vê-me envolvida nesse caminhar, buscando rememorar algumas estratégias didático-pedagógicas que fazem parte das minhas práticas como professora. Refleti sobre um caminho em especial, que é o da construção de mapas cartográficos na tentativa de mapear essas trajetórias vividas, pois posso, com os mapas, visualizar o passado, verificar o presente e questionar o futuro com a apropriação de textos, imagens, anotações e memórias. Desenvolvi um movimento autorreflexivo para construir partes desta escrita, uma vez que me apropriar de meus textos e escritos diários é reviver e viver as experiências docentes realizadas.

Nos caminhos que me propus a seguir, as imagens são as paisagens em um itinerário que considero oferecer possibilidades para que eu possa contar, dizer, expressar e falar com quem nesses caminhos comigo seguir, uma vez que cada caminho é a vivência de uma imagem, de uma paisagem que está num espaço, num lugar que possui uma terra que sustenta. É a forma que encontro para traduzir a nutrição das

3 palavra

01. E. Ling. Unidade mínima com som e significado que pode, sozinha, construir enunciado; forma livre;

terra

01. Solo sobre o qual se anda;

02. A parte branda do solo;

03. A parte sólida da superfície do globo;

imagem

01. representação gráfica, plástica ou fotográfica de ser ou de objeto;

02. Produto da imaginação, consciente ou inconsciente; visão;

paisagem

01. espaço de terreno que se abrange num lance de vista;

Minidicionário Aurélio. Disponível em: <http://aurelioservidor.educacional.com.br/download>. Acesso em: 28 fev. 2022.

paisagens nos caminhos percorridos. As imagens diversas carregam nutrientes vindos das palavras que possibilitam transformar o espaço.

Compreender como construir abordagens metodológicas para essa pesquisa em ensino de artes visuais me inquietou desde o início. A todo o momento me encontrava tentando identificar, categorizar tudo que era levantado dentro de uma tabela organizacional, ou mesmo achar uma forma de me inserir na mesma. Assim, as premissas de minhas escolhas pessoais e de ser professora trazem a minha trajetória poética representada pelo elemento visual, que é a linha e que caracteriza os percursos por mim percorridos nos lugares que habitei e habito. São imagens e palavras que considero como experiências adquiridas por esses caminhos por meio do que escuto, falo, escrevo e leio.

Durante esse processo investigativo, observei que é necessário construir um pensamento que sinalize o que compreendo por palavras-imagens-palavras, que remetem à pluralidade das relações em sentir e pensar espaços e lugares. Essa junção me ajuda a desenvolver um processo de investigação e produção para o ensino de artes visuais.

Para mim, a palavra não é apenas uma grafia da imagem, ela é uma das partes fundantes e importantes no processo que desenvolvi no ensino, por isso estabeleço um modo de pensar com palavras-imagens-palavras. Parto da ideia de que uma produção imagética que carrega palavras em sua construção possibilita subjetividades nas experiências individuais que suscitam novas conexões que vão além dos códigos verbais da gramática. Sendo que uma imagem com palavras não indica apenas ver a palavra, mas indica ler através de seus signos, buscar significados e semelhanças pelos sentidos nominais pré-estabelecidos entre o verbal e o visual.

Diálogo conceitual com autora e autores

Necessito dialogar com autores para entender e me confrontar sobre essa experiência com palavras-imagens-palavras e nesse sentido, encontrei textos que me indicaram horizontes do sentir e do pensar como professora que cria, se apropria das palavras, e que utiliza palavras-imagens-palavras como uma perspectiva metodológica para o ensino de arte.

Juntamente com o meu modo de trabalhar com palavras-imagens-palavras, busquei entender como a apropriação de palavras é capaz de fomentar um sentir e um pensar espaços e lugares através de produções em artes visuais que utilizam o verbal e o visual por meio do pensamento de Foucault (2016). Autor que reflete sobre o conceito de semelhança até o século XVI, esclarecendo que as semelhanças permanecem em

todo o volume do mundo, todas as vizinhanças da conveniência, todos os ecos da emulação, todos os encadeamentos da analogia são suportados, mantidos e duplicados por esse espaço da simpatia e da antipatia que não

cessa de aproximar as coisas de mantê-las a distância. Através desse jogo, o mundo permanece idêntico; as semelhanças continuam a ser o que são e a se assemelharem. O mesmo persiste o mesmo, trancafiado sobre si (Foucault, 2016, p. 35).

Nessa perspectiva de que as coisas ou as palavras se conectam ou se distanciam por semelhanças, as palavras aparecem sem deixar maiores possibilidades de conexões. Foucault vai explicando sobre o modo de um, talvez, engavetamento de semelhanças das coisas, pois no século XVI as representações seriam a base das possíveis semelhanças, já que pela semelhança a representação poderia ser conhecida.

Para Foucault toda semelhança possui uma assinalação, e isso carrega em si oscilações, já que não vivemos em uma organização imutável, pois pelo próprio viver orgânico transformamos as coisas. Para pensar o conceito de semelhança, percebo em Foucault que é pela assinalação que existe um ponto, um “zigue-zague indefinido, do semelhante ao que é semelhante” (Foucault, 2016, p. 41). Seguindo o pensamento do autor, é possível perceber que não encontramos uma definição mais clara das semelhanças e representações, mas nos encontramos perante um universo de possibilidades. São possibilidades para interpretar, refletir, ler, ver um texto único.

Nesse sentido, parto do entendimento de que um texto não indica uma coisa apenas, uma única semelhança e representação, mas dialoga e se ramifica em diversas semelhanças e assinalações. É um pensamento que conecto para criar a minha concepção do termo palavras-imagens-palavras, já que acredito que as palavras não se encontram prontas, considero que dependem do meu modo de ensinar, pesquisar, observar, construir e produzir.

Buscando compreender o conceito de semelhança a partir de Foucault, observei que quando estou criando/ensinando/compartilhando uma imagem, estou produzindo algo, estou passando por momentos de criação e esse criar passa por um processo de experiências, de um antes e um após que atravessam imagens, palavras, conversas, frases, textos e outros signos no sujeito. Assim, a palavra vai aparecer como grafia e como não grafia, que é como compreendo as palavras no meu trabalho docente.

No livro “Isso não é cachimbo”, Foucault (1988) traz a reflexão da imagem “La Trahison des images (Ceci n’est pas une pipe)” de 1929 do artista René Magritte. Nessa imagem, o artista faz uma reflexão acerca do que vemos e buscamos, do interpretar com a presença de um texto, mas a “forma desenhada do cachimbo expulsa todo texto explicativo ou designativo, tanto é reconhecível” (Foucault, 1988, p. 27).

O texto nega a imagem que vemos, pois “Magritte, separa o texto e a figura, é preciso ver um vazio” (Foucault, 1988, p. 33), mas acrescenta Foucault “ainda seria demais dizer que há um vazio ou uma lacuna: é antes uma ausência de espaço, um apagar do “lugar-comum” entre os signos da escrita e as linhas da imagem” (Foucault, 1988, p. 33). Interessante suscitar esse vazio, como se ele nos mostrasse a incapacidade de ler e ver ao mesmo tempo. Se fosse apenas a pintura simples do cachimbo, não teria suscitado tantas inquietações, mas as palavras apresentadas pelo artista trazem uma contradição. Ao ler as palavras, buscamos a definição rápida do

que vemos de acordo com as semelhanças e as similitudes, porém as palavras negam a imagem. A forma representada de um cachimbo como conhecemos vem com a negação do mesmo ser visto, por isso, confundimo-nos e nos inquietamos na

[...] exterioridade, tão visível em Magritte, do grafismo e da plástica, está simbolizada pela não-relação — ou em todo caso pela relação muito complexa e muito aleatória entre o quadro e seu título. Essa distância tão longa — que impede que possamos ser ao mesmo tempo e dedo uma só vez leitor e espectador [...] (Foucault, 1988, p. 47).

Nesse caminho, fui construindo um pensamento, em que, nas palavras-imagens-palavras, observei uma junção dos papéis de observadora, observador, leitor, leitora, criador e criadora de imagem. Magritte esclarece sobre esses papéis, citados anteriormente, e que o ato de fazer essa pintura inquietante conduz a um modo de representação de suas memórias e imaginações que induz a reflexões diversas. O artista não se priva pelo engano, uma vez que a palavra não desconsidera a forma de cachimbo, pois é algo pensado na imagem e no texto, mas conduz o/a observador/a a duvidar do que está vendo.

Temos uma diversidade de produções de arte que partem do uso de palavras em suas produções, e seguindo as definições de semelhanças e distanciamentos provocadas por Foucault (2016), é melhor não acreditar de primeira no que se vê, e ao ler é preciso duvidar. Duvidar para mim faz parte de um processo para produzir outros desdobramentos na imagem ou mesmo para conduzir a outras experiências.

Busquei na dissertação de Ana Lúcia Beck (2004) entendimentos sobre representação verbal e visual para estabelecer algumas conexões juntamente com o pensamento de Foucault. Em sua escrita, a autora desenvolve um pensamento entre o verbal e o visual na imagem, salientando que a linguagem verbal é uma construção que utilizamos para nomear coisas, convenções sociais. “O sistema de representação verbal utiliza-se do signo palavras; enquanto o sistema de representação visual utiliza-se do signo imagem da coisa” (Beck, 2004, p. 22). Esse pensamento me ajuda a trilhar um percurso de definição quando me aproprio da palavra para construir meu modo de trabalhar na docência com palavras-imagens-palavras.

A autora explicita que o que “Foucault percebe em Magritte faz com que desconfiemos das palavras escritas na obra” (Beck, 2004, p. 26). Nesse sentido, esclarece que não estamos presos à linguagem verbal de palavras e à linguagem visual de imagens, e que ambas são distintas, mas não estão separadas apesar da distância dos vazios. Segundo a autora, há um sistema de significação que se difere dos sistemas tradicionais de representação verbal ou visual, já que há uma busca por um pensamento sobre o que se lê e se vê, e o que provoca o/a espectador/a, mesmo com os vazios e ausências.

As considerações de Beck (2004) sinalizam a respeito da elaboração de um pensamento que a construção verbal e visual possibilita. Esse pensamento vai ao encontro do que coloco como processo de criação para o ensino, pois quando proponho a criação de uma imagem, torna-se uma elaboração do pensamento, com

a busca de arquivos de memórias, vivenciais e experienciais que se diferenciam de apenas imitar ou representar um texto.

Beck (2004) explica que é no sistema de significação que Foucault tenta pensar a obra de Magritte, não ignorando o verbal, uma vez que o principal seria a pintura. Segundo a autora, Foucault tenta a todo o tempo essa investigação entre a linguagem verbal e visual em uma proposta de sistema de significação, que consiste na busca pela “elaboração do pensamento possível” (Beck, 2004, p. 26). Elaborar esse pensamento possível, investigar sobre a relação verbal e visual, encaixa-se no que compreendo sobre os vazios, pois nos papéis que exerço como estudante, professora, espectadora e criadora, as palavras-imagens-palavras atravessam os vazios, aquilo que nem sempre está claro e visível. Mas necessita de uma elaboração de pensamento, uma reflexão sobre o que se vê e o que se cria.

Uma obra quando apresenta um título, um texto, uma frase, ou palavras, indica ao/à observador/a um caminho a seguir. Beck (2004) descobre no diálogo com Foucault que o texto não vira imagem e a imagem não vira texto, pois fazem parte de códigos de construção da linguagem. Não existe uma verdade na imagem que representa o texto, e uma verdade no que representa a imagem, tudo é possível de ser confundido e se transformar numa imensa mentira ou verdade, tudo seria o modo de interpretação.

Com Foucault refleti sobre palavras-imagens-palavras, que é o que busquei compreender e explicar nessa pesquisa. Pensei sobre a relação de sistemas de representação verbal e sistema de representação visual para um sistema de significação. Refleti sobre a dinamicidade entre palavras-imagens-palavras, no caminho subjetivo, na busca das emoções individuais de quem observa. Entrar em contato com palavras-imagens-palavras é um processo de aprendizagem, gerando reflexões sobre as palavras presentes na imagem que não se sobrepõem, mas se justapõem.

A imagem não é apenas forma, cores, detalhes, mas todo um texto interno, que suscita buracos, lugares vazios e ausências de superfícies, o que possibilita enxergar para além das barreiras em texto e imagem. Não importa dizer que o texto é imagem e a imagem é texto, mas não deixar se enganar e desconfiar sempre do que se vê, pois as desconfianças e as dúvidas conduzem o olhar pelos buracos.

Em “As Palavras e as coisas”, de Foucault (2016), no capítulo “Las Meninas”, é possível perceber que existe um olhar sobre a pintura, e nesse olhar o/a observador/a experimentam como se estivessem na tela sendo observado/a pela imagem “ele vê sua invisibilidade tornada visível ao pintor e transporta em uma imagem definitivamente invisível a ele próprio” (Foucault, 2016, p. 6). Quando penso em palavras-imagens-palavras percebo que é o que permite que cada um/a se veja na imagem e a imagem torna-se seu espaço e lugar. Esse processo de sentir e pensar sobre espaços e lugares possibilita perceber as produções de artes visuais com os sistemas de significações.

Sendo assim, sentir e pensar sobre palavras nas imagens contemporâneas que carregam textos é substância para extrapolar a leitura direta e inflexível, pois proporciona chegar perto, encontrar as lacunas. Esse encontro parte então desse diálogo iniciado com o olhar e a imagem, sentir-se nela e pensar conexões diversas,

"[...] jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem" (Foucault, 2016, p.12).

O uso de palavras nas artes visuais emana nas obras contemporâneas de um hibridismo de linguagem em que o textual se une ao visual. A palavra que se apresenta como forma dentro da imagem, impregnada, arranhada, escrita, fixada, colada, costurada, recortada, pregada, montada, entre outras formas, não é apenas imagem sem texto, nem texto sem imagem. Compreendo como palavras-imagens-palavra, representação verbal e visual, visual e verbal de um contexto imagético singular e que não pode ser desconsiderado como parte importante, e assim é sobretudo imagem.

Sentir e pensar palavras na/para/com imagem ou uma imagem na/para/com palavras seria no meu entendimento, depois desses caminhos percebidos percorridos, um exercício de não acreditar no texto primeiramente como um signo convencional ou mesmo como um modo de decifrar o que vejo, mas utilizar o texto como um enigma que poderá seguir por outros lugares.

Durante esse percurso em que tento explicar como compreendo a concepção de palavras-imagens-palavras, converso com Didi-Huberman (2010), e concordo quando ele diz que "a experiência familiar do que vemos parece na maioria das vezes dar ensejo a um ter: ao ver alguma coisa, temos em geral a impressão de ganhar alguma coisa" (Didi-Huberman, 2010, p. 34). Quando olhamos para uma produção visual com palavras, podemos ter a impressão de ganhar, esse ganhar se encontra na qualidade de uma visualização de rápida percepção do apresentado, ou seja, ao codificar rapidamente o visual e o verbal. Isso pode ser um engano, pois palavras-imagens-palavras conduzem ao que o autor chama de inelutável, e o que é compreendido e realmente visto está voltado "para a questão de ser – quando ver é sentir que algo inelutavelmente nos escapa, isto é: quando ver é perder. Tudo está aí." (Didi-Huberman, 2010, p. 34). De certa forma, perder-se pela percepção primeira na experiência pode ser o caminho para ganhar em pensamento.

Palavras-imagens-palavras nos abrangem pelo que vemos. É o que nós olhamos que nos permite sentir ao enxergar vazios, falhas, aberturas, dúvidas e perdas. Esclarece Didi Huberman que "o que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha" (Didi-Huberman, 2010, p. 29), ou seja, um olhar sobre uma imagem não se baseia em uma direção, mas consiste no entendimento de que "o ato de ver só se manifesta ao abrir-se em dois" (Didi-Huberman, 2010, p. 29). Existe um diálogo entre imagem e espectador/a, e nesse diálogo se acentua ainda mais o valor das palavras-imagens-palavras, pois entendo que primeiro acontece o diálogo de si, e assim a imagem vem e surge.

Em diálogo com Foucault e Beck, venho desenvolvendo minhas concepções para pensar em palavras-imagens-palavras como um modo de construir estratégias metodológicas para o ensino de artes visuais, pois percebo as possibilidades de criação no ato de sentir e pensar espaços e lugares ao ensinar arte. Observo que palavras-imagens-palavras envolvem o observador/a, o/a artista, o/a professor/as,

o/a estudante. Esse modo de construir estratégias não invalida outros, mas investiga possibilidades de escutar, ver, falar com as palavras através da subjetividade do/a artista, do artista, da observadora e do observador e que se não é possível apenas nas produções visuais que carregam palavras, mas todo processo de construção imagética.

Onde estão palavras-imagens-palavras em mim, estudante e professora?

Comecei a perceber que realizar uma pesquisa com arte envolvia o meu percurso de formação como estudante na educação básica e minha formação em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas. O desejo de investigar a prática docente que venho desenvolvendo me fez lembrar os caminhos de formação que já trilhei.

Pensar sobre os caminhos trilhados como estudante na educação básica é pensar em um momento em que o ensino de arte prezava pela cópia e pela reprodução. Lembro-me da disciplina severa, de estar em carteiras alinhadas em uma linha reta, de fazer uma fila de meninos e meninas, cantar hino nacional com o corpo ereto e os braços em linha reta. E ainda escrever na folha do caderno em linha reta, fazer uma caligrafia em linha reta, colorir seguindo a linha do contorno, furar o jornal com palitos de dente em linha reta, usar o palito de picolé para contar em linha reta... e bem outras linhas retas estavam presentes na minha vida escolar.

Na Escola Estadual Antônio Nunes de Carvalho Filho, onde cursei o ensino fundamental (educação básica) em 1986, fui condicionada a servir à linha reta, sem possibilidades de encurvá-la, de arrebentá-la, de dar um nó e de transformá-la em outras possibilidades. Essa educação me criou com medos, almejando a escrita das palavras corretas com receio de dizer o que pensava, de escrever errado, de levantar a mão, de ter medo do universo dos dicionários e dos imensos significantes de cada palavra, como se fosse incapaz de captar toda essa quantidade de significados. Isso me ensinou sempre a respeitar o que me oprimia.

Como pensar em arte se fui educada para estar em linha reta e usar poucas palavras? Quando comecei a frequentar as disciplinas de arte na escola, recordo-me da postura organizada, do desenho delineado, copiado, seguindo técnicas precisas. Muito bonito! Mas era apenas o “capricho” solicitado dentro dos padrões de formações de minhas professoras. Professoras, pois não se tinham professores, homens formados em educação artística (nomenclatura usada na época)

Percebo o rompimento na minha infância com o minidicionário que ganhei de minha mãe para levar para escola. Lá ele só era usado quando a professora solicitava, ficava guardado dentro da mochila, como algo intocável, podendo ser aberto somente com a autorização. Mas romper com essa regra em casa era a grande diversão, e por isso abria o dicionário e criava desafios para buscar palavras e seus significados. Cada palavra encontrada se desdobrava em um universo de possibilidades.

Escolho este dicionário devido às afetividades de memória de infância e de

minha direção na escola. Meus pais exigiam que tivesse zelo e fizesse bom uso do dicionário, pois carregavam a ideia de durar por muitos anos. Além disso, a capa dele me encantava (Fig. 1), via as diversas letras se espalhando como que viajando por um espaço, algumas se aproximavam e outras se distanciavam de mim. Eu queria pegá-las, juntá-las, desenhá-las, escrevê-las.

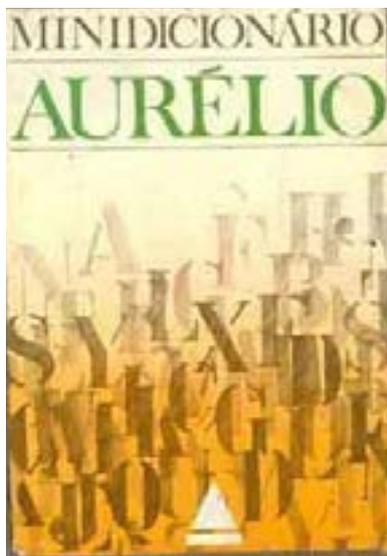


Fig. 1-S/t, 2022. Print da capa do dicionário. Fonte: https://www.estantevirtual.com.br/sebotraca/aurelio-buarque-de-holanda-ferreira-minidicionario-aurelio-3002367306?show_suggestion=0. Acesso em: 28 dez. 2022.

Observo que vivencio a busca pelas palavras desde minha infância para conhecer outras novas e seus significados. E agora trago essas lembranças nesta investigação para compreender as palavras que utilizei para escrever essa pesquisa. Assim, comecei a buscar no dicionário de Língua Portuguesa mais palavras ligadas ao contínuo trabalhar com a terra, como *lavar*, *semear*, *espalhar*, *regar*, *aguar*, *cuidar* e *nutrir*⁴. Isso

4 lavar

01.Sulcar (a terra) com arado ou charrua; arar, amanhoar, cultivar.

semear

01.Deitar sementes à terra, para que germinem.

espalhar

01.Lançar para diferentes lados; dispersar; espargir;

regar

01.Umedecer por irrigação ou aspersão; molhar, aguar; irrigar.

aguar

01.Borrifar com água ou outro líquido; regar, molhar.

cuidar

01.Imaginar, pensar, meditar; cogitar, excogitar;

01.Desenvolver, educar, instruir;

02.Proteger, favorecer; Minidicionário Aurélio. Disponível em: <http://aurelioservidor.educacional.com.br/download>. Acesso em: 28 fev. 2022.

para me ajudar no processo de entender as palavras-imagens-palavras e como a terra faz parte dos lugares que habito, tanto no ser professora quanto estudante.

Permito-me também voltar no tempo e me apropriar desse lugar em que escrevo um texto em 2018 para meu trabalho de conclusão de curso, no lugar de graduanda em Pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB) e que remeto a outros lugares de estudante.

[...] Vejo como necessário relatar um pouco do meu desejo e interesse pelo ensino de arte, o qual se dá desde a minha infância, em que, tendo um pai que desenhava, incentivava-me à produção artística, me envolvendo em contexto de cores e formas através de materiais de produzir arte. Outro fator importante, foi passar minha infância em meio a tecidos com texturas e cores, que se encontravam no ateliê de costura de minha mãe, no qual os contos se transformavam em recortes elaborados e sofisticados pela minha imaginação. Tudo isso, acredito que influenciou o meu futuro acadêmico quando escolhi, nos primeiros vestibulares, cursos da área de criação, como design de moda, decoração e por fim artes plásticas. Neste último, o curso de artes plásticas, eu passei no vestibular e caminhei por seis anos em estudos com os quais me identifiquei profundamente. Nos primeiros anos do curso, a escolha de áreas específicas das artes na grade curricular do curso se baseava pelo interesse em artes gráficas e tecnológicas, até que, em um momento específico devido às necessidades de ingressar no mundo do trabalho, me levam para o caminho do ensino. Tendo feito tanto licenciatura como bacharelado, anteriormente no curso de Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas na UFU (Universidade Federal de Uberlândia), resolvi iniciar a docência. Meu interesse pela área de ensino foi despertado e com ele a necessidade de aprofundar os conhecimentos na área de educação. Para isso, entrei no curso de pedagogia na minha cidade, Araguari, na modalidade EaD (Educação a Distância) promovida pela UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto). Com minha mudança para Brasília, senti dificuldades para continuar o curso, mas é quando participo da transferência facultativa para UnB⁵.

Ao relembrar quando entrei na Secretaria de Educação do Distrito Federal-SEEDF, em 2014, a regional de ensino para a qual tomei posse foi a Regional de Ceilândia, onde permaneci por cinco anos, sempre tentando remanejamentos internos e passando por outros externos para ficar na Regional do Plano Piloto, pois não me interessavam outras; apesar de gostar muito da Regional de Ceilândia, necessitava mudar pela distância de minha residência.

Também participei de um processo para me qualificar para tentar vaga em Escolas Parques. Consegui remanejamento interno para uma escola de ensino médio em Ceilândia e remanejamento externo para uma escola classe no Plano Piloto para atender ao ensino fundamental, anos iniciais. O primeiro é sempre o remanejamento interno e posteriormente o externo, isso significa que ao bloquear a carência da segunda escola, invalida-se o primeiro bloqueio. Assim, permaneci um ano nessa

5 DIAS, L. M. M. Caminhos e cadências: nas infinitudes das estratégias pedagógicas em arte. 2018. 66 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília/DF.

escola (2019) e no remanejamento para 2019 para 2020 consegui bloquear uma carência no remanejamento interno do Plano Piloto para uma vaga para Artes na Escola Parque.

Em 2020 fui remanejada para uma escola no formato da Escola Parque, em que eu nunca havia trabalhado e era inexistente na minha cidade e região. Só que minha experiência presencial durou pouco, pois comecei em fevereiro de 2020 e as aulas foram suspensas no dia 11 de março de 2020 devido à pandemia⁶⁷. Desde esse período foram cerca de 4 meses de isolamento total, depois efetuou o distanciamento, mas com encontros virtuais e gradativamente o retorno presencial, mas com distanciamento total do ensino presencial e nenhum contato presencial com as estudantes e os estudantes.

Em 2020 eu estava em um momento de grandes mudanças e alterações no processo de docência, buscando novos rumos, como o mestrado. Nesse ano, estava na Escola Parque 308 Sul, e chegar até essa escola foi algo importante, primeiro pela característica da mesma e segundo pela proximidade com minha casa. Estava vivendo um período de angústia, em que tudo se transformou, e afetou a rotina de casa, as atividades físicas, as leituras e outras coisas. Mas, de repente, lembrei-me do edital do PROF-ARTES recebido no grupo do WhatsApp dos/as professores/as de Artes Visuais da Escola Parque, antes do isolamento. Quando li o edital pensei que seria demais e não conseguiria naquele momento devido as minhas atividades no trabalho. Porém, refleti sobre as minhas práticas e entendi que precisava compreender e investigar minhas abordagens ao trabalhar com palavras, e então escrevi o projeto e o submeti ao processo quando realizei a inscrição.

Enquanto isso, estava envolvida com atividades de docência de forma remota utilizando a plataforma *Google Classroom*⁸. As questões tecnológicas não me incomodaram, pois sempre me interessei pelas novas tecnologias e pelo uso de softwares e aplicativos educacionais. Entretanto, o que mais me angustiava era pensar que para me aproximar dos/as estudantes seria necessário realizar vídeos, pois era a opção que eu tinha. No entanto, nunca tive prática com esse recurso e ainda sabia que os vídeos me deixariam exposta em vários lugares, na plataforma, entre os/as colegas de trabalho e para toda uma rede de famílias que teriam acesso aos vídeos das aulas.

6 "Em 11 de março de 2020, a covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo "pandemia" se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade". Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 03 fev. 2022.

7 "No dia 05 de maio de 2023, "três anos após declarar a pandemia de Covid-19, o Comitê de Emergência do Regulamento Sanitário Internacional da Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou o fim da emergência em saúde decorrente do Novo Coronavírus". Disponível em: <https://www.ufsm.br/projetos/institucional/observatorio-crise/2023/05/05/noticia-pandemia-do-novo-coronavirus-oms-declara-fim-da-emergencia-em-saude-por-covid-19>. Acesso em: 26 fev. 2024.

8 *Google Classroom* "é uma plataforma desenvolvida pelo Google com foco na integração entre professores e alunos. Além de permitir a realização de aulas à distância através do *Google Meet*, oferece uma série de recursos para facilitar o ensino. O serviço, que é totalmente gratuito, pode ser acessado pelo computador ou ainda pelo celular, através dos aplicativos para Android e iPhone (iOS)". Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/>. Acesso em: 26 fev. 2024.

Em um autorretrato por meio da fotografia (Fig. 2) represento como me senti naquele momento lidando com as dificuldades trazidas pela pandemia e como estava exausta com tantas reuniões on-line⁹ da escola e de cursos, eventos e encontros no *Google Meet*¹⁰ (plataforma de comunicação e conferência). Estava chateada por ter que estar presente em reuniões on-line, cheguei ao ponto de desligar sempre a câmera, não dizer nada. Queria estar como numa sala, sentada no fundo e de capuz para ninguém me reconhecer. Com isso, fiz uma série de fotos em que tento esconder meu corpo na sala do *Google Meet*.

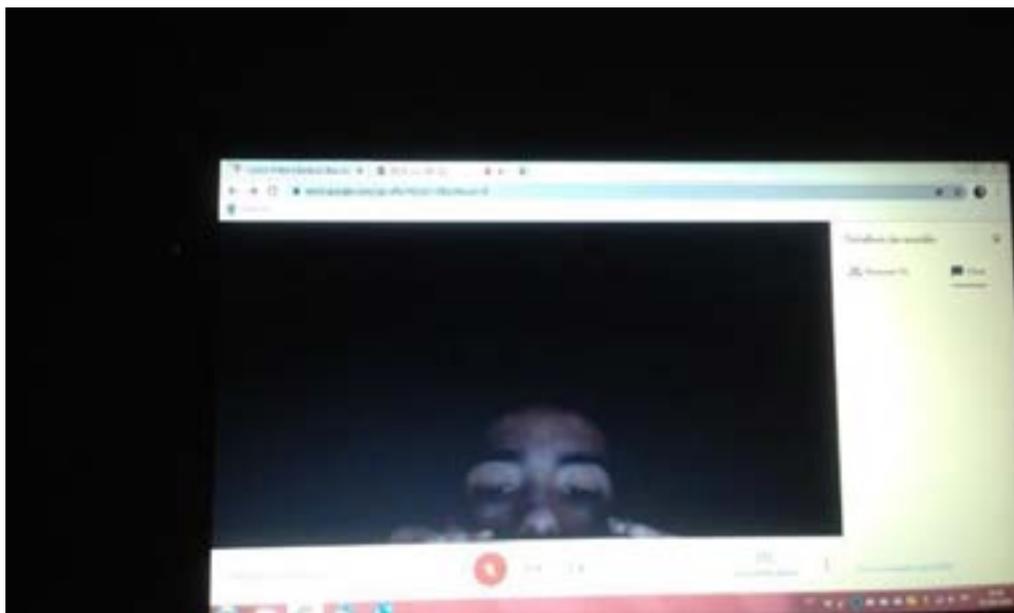


Fig. 2 – S/t, 2020. Fotografia. Fonte: arquivo pessoal.

Período em que junto com os/as colegas da Escola Parque fui aprendendo, além de estar me ressignificando como professora. Concomitante a esse processo, saiu o resultado do PROF-ARTES, em que fui aprovada para entrevista e depois aprovada como estudante regular do Programa.

Como estímulo para planejar as minhas aulas durante a pandemia, busquei nas minhas memórias e vivências temas do meu cotidiano para estimular minha criação. Foi quando, revisitando minhas caixas de memórias, encontrei uma sandália de quando era criança (Fig. 3). Estar em contato com esse objeto me deu a ideia de propor para os/as estudantes que procurassem em casa objetos que representassem sua identidade e que eles/as expressassem em palavras sobre essas sensações de vivenciar a casa com mais intensidade no momento da pandemia.

9 Que está numa conexão ou na internet no exato momento em que acessa; conectado. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/on-line/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

10 Google Meet “é um aplicativo do Google disponível para download gratuito em celular [...] e também conta com versão Web para usar no navegador do PC. O programa oferece chamadas de vídeo grátis pelo smartphone ou computador, sendo muito útil para entrar em reunião”. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/hangouts-meet/>. Acesso em: 28 nov. 2022.



Fig. 3 - S/t, 2020. Fotografia. Fonte: arquivo pessoal

Mas eu tinha também que pensar na elaboração do material impresso adaptado com o que era proposto na plataforma e isso foi um desafio. Promover os encontros pelo *Google Meet* foi muito difícil, pois, por ser uma Escola Parque, os/as estudantes que a frequentavam em um turno, no outro turno iam para a escola regular, chamada escola classe. Por isso, essa se tornou uma realidade que, com o tempo, o grupo de professores/as foi percebendo que precisaria ser adaptada e não era viável propor muitas coisas de uma vez. Era preciso levar em consideração que havia falta de tempo e ainda dificuldade de acesso, pois além da demanda das duas escolas, muitos/as estudantes necessitavam do acompanhamento dos pais por causa da faixa etária e esses também tinham dificuldade em assessorar o/a filho/a. Outra questão foi a diminuição de vídeos, pois muitos/as estudantes não tinham dados móveis suficientes.

Nesse processo, me vi numa escola com um grupo de professores/as de arte em que cada um/a se organizava dentro de suas metodologias pedagógicas. As turmas em que eu era a professora recebiam o material impresso geral, com isso precisávamos focar em temáticas gerais para o andamento das aulas. O material impresso acabou sendo elaborado por duplas e por bimestre para facilitar o processo. O grupo da manhã ficava responsável pelas turmas de 4º (quartos) e de 5º (quintos) ano e o grupo da tarde pelas turmas do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA), que são os 1º (primeiros), 2º (segundos) e 3º (terceiros) anos. Eu fiquei no grupo de 5º (quintos) anos para produzir material impresso.

A Fig. 3 apresenta o momento em que fui a responsável por elaborar o material impresso e estava organizando aqueles que seriam utilizados. Esse material impresso

apresentava a temática sobre elementos visuais, eram mini apostilas, com conteúdos simplificados e organizados com muitas instruções de realização, por isso, precisei fotografar passo-a-passo. Criei um espaço em casa com tecidos pretos e realizava a organização do material, utilizando o que tinha disponível. Solicitava para realização da atividade materiais mais comuns, como cola, tesoura, folha branca, revistas velhas, mas muitas vezes os/as estudantes relataram não terem folha branca, revistas velhas, tesoura e cola.



Fig. 4 - S/t, 2020. Registro fotográfico. Fonte: arquivo pessoal.

Sentia que a elaboração das atividades impressas era cansativa e que isso me desestimulava, pois me sentia distante dos/as estudantes e me via apenas como uma desenvolvedora de apostilas com passo-a-passo, sendo que os conteúdos eram focados em uma sequência de cores, pontos, linhas e formas. Com isso, passei a me reinventar e a me recriar como professora de arte dentro das vivências com o material impresso. E venho percebendo, através das minhas experiências hoje, a potência no trabalho com palavras-imagens-palavras e como ele se fortifica em diversas intensidades nessas atividades com os/as estudantes.

Para construção das propostas impressas, utilizei como referência um livro de arte contemporânea denominado "Arte Brasileira para Crianças" (2016), que propunha fazeres dentro de um contexto que se distanciava de uma arte eurocêntrica e vinculada à história da arte cheia de certezas e verdades.

Por volta do meio de agosto de 2020, eu já havia elaborado o material impresso e comecei a desenvolver as temáticas do material que os outros grupos estavam elaborando de acordo com as solicitações da escola. As temáticas estavam vinculadas

às temáticas: folclore, diferenças e inclusão, primavera, natureza, Dia das Crianças, brincadeiras, semana do livro, aniversário da escola, consciência negra, autorretratos, natureza morta, bichos, sonhos e desenhos. Mas não mais como um passo-a-passo, pois apresentava outras abordagens, além da apresentação dos temas, os conteúdos buscavam envolver os/as estudantes e se objetivava ouvir suas falas e contribuições.

A Fig. 5 é o momento em que propus trabalharmos com questões do meio ambiente e utilizei uma planta de minha casa. Com isso, pedi que escolhessem uma planta de suas casas e começassem a relatar em um caderno palavras advindas da percepção do contato com as percepções da planta escolhida ao longo de uma semana. Esse mesmo exercício eu realizei também. Por fim, fotografaram a planta escolhida e observada e compartilharam as observações.



Fig. 5- S/t, 2020. Registro fotográfico. Fonte: arquivo pessoal.

Comecei a trabalhar também com o tema da primavera, que era um tema proposto pela escola e estava na elaboração do material impresso realizado pelos outros grupos de professores/as. Propus um trabalho para fomentar um diálogo a partir das flores (Fig. 6), pois estávamos na primavera, e que observassem o que elas contam, ou seja, que falassem sobre uma flor que gostassem muito e sobre as sensações que ocorrem quando estão perto dessa flor. Como artista referência utilizei Claude Monet¹¹ e apresentei a imagem "O jardim Íris em Giverny" (1899-1900). Comentei sobre o jardim da casa de Monet e como ele tinha prazer em observar suas flores e pintá-las.

11 Claude Monet (1840-1926) foi um pintor francês considerado um dos mais importantes pintores da Escola Impressionista. Disponível em: https://www.ebiografia.com/claude_monet/. Acesso em: 13 dezembro 2021.

Como exemplo, apresentei uma fotografia de uma flor do jardim da casa de minha mãe, e que tem um valor sentimental, pois me lembra o meu pai. Essa planta estava plantada em nossa antiga casa quando meu pai ainda estava vivo. Com nossas mudanças, levamos uma muda de agapanto azul¹² conosco e hoje está na casa da minha mãe, planta que todo ano floresce lindamente. Compartilhei minhas lembranças com eles/as, explicando que: “escolhi contar para vocês sobre uma flor que significa muito para mim. É um lírio – agapantos azul celeste. Eles floresceram semana passada, junto com a chegada da primavera. Esses Lírios foram plantados pelo meu pai e por isso toda primavera quando florescem me causam saudades e me acalmam”. Através da palavra acalma propus que fotografassem uma flor, compartilhassem uma palavra que indicasse as suas sensações e lembranças em contato com ela.

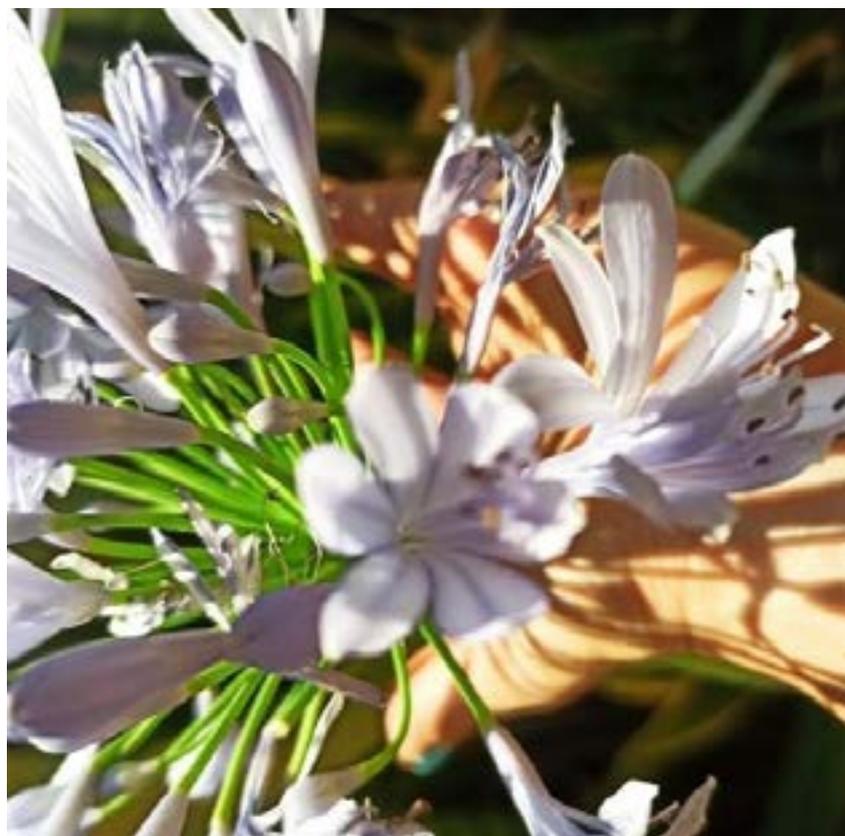


Fig. 6 - S/t, 2020. Registro fotográfico. Fonte: arquivo pessoal.

Em outubro, no mês das crianças, a escola programou um projeto do Dia das Crianças, e foi preparado um material impresso produzido por um grupo de professores/as. Eu criei uma produção específica com essa temática, e continuei compartilhando as minhas memórias através da foto de um brinquedo produzido pelo meu avô, que é intitulado João Teimoso. Esse brinquedo (Fig. 7), tradicional na localidade onde nasci, é antigo, muito produzido pelo artesanato local da época de meu avô, e guarda memórias de tempos e vivências.

12 Lírio africano (*Agapanthus africanus*), também chamado de lírio do Nilo, perene herbácea planta da família amaryllis (*Amaryllidaceae*), nativa da África. Disponível em: <https://www.mundoecologia.com.br/plantas/historia-da-flor-agapanto-significado-e-origem-da-flor/>. Acesso em: 13 dez. 2021.

Guardo na lembrança como o meu avô me contou que esse brinquedo foi feito, por exemplo, o chapéu a partir de uma xícara de plástico de meus brinquedos, e como ele brincava com ele, pois era muito comum em sua infância e de meu pai. Então, a partir dessa imagem, propus que buscassem histórias de brinquedos de seus parentes mais velhos, e se possível anotassem e brincassem também.



Fig. 7 - S/t, 2020. Registro fotográfico. Fonte: arquivo pessoal.

Ao me acercar da minha trajetória, percebo o caráter nutritivo das palavras na minha atuação como professora, e como essas se alimentam e se espalham no ensino de arte nos diversos espaços/lugares¹³ em que estou. Vejo que as minhas consultas no dicionário me levam a pensar que cada palavra pode sair de um lugar e ocupar outros

13 espaço

01. Distância entre dois pontos, ou a área ou o volume entre limites determinados;

território

01. Extensão considerável de terra; torrão; solo sobre o qual se anda;

lugar

01. Espaço ocupado; sítio;

Minidicionário Aurélio. Disponível em: <http://aurelioservidor.educacional.com.br/download>. Acesso em: 28 fev.2022.

lugares, ou melhor, sair de alguém e nutrir um receptor disponível para compartilhar experiências. São as palavras-imagens-palavras que me ajudam na compreensão da minha trajetória, dos lugares que vivenciei e vivencio como estudante e professora.

O autor Yi-Fu Tuan (1983) compreende que a experiência é capaz de definir as relações com os espaços e lugares. Eu coaduno com Tuan (1983) quando ele diz que esses espaços e lugares não são apenas circundantes de fatores geopolíticos e compartilho a ideia de um viver social, histórico e cultural com as subjetividades de cada indivíduo, em que lugares surgem em espaços diante de experiências, por meio das emoções em vários momentos do nosso cotidiano, no trânsito contínuo, o que leva também a uma transformação e a uma nova ressignificação dos lugares.

Dessa forma, “as ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra” (Tuan, 1983, p. 6), o lugar é inserido em um espaço, e ao longo de nossas vidas desenvolvemos maneiras de significar e transitar por entre os espaços que experienciamos, transformamos e ressignificamos. O autor cita elementos que influenciam as relações com o espaço e o lugar explicando que: “Na experiência o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar, “espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (Tuan, 1983, p. 6, grifos do autor).

Permito assim relacionar os espaços vividos enquanto professora com lugares experimentados, transformados e ressignificados de forma constante, em que parto de uma escola para outra em vários momentos. Um movimento que se repete várias vezes e acontece nesse momento em que estou cursando o mestrado. Estou em constante mudança, as transformações nem sempre são vontades, mas necessidades. E junto levo as memórias de lugares experimentados anteriormente que não podem ser esquecidas, pois o esquecimento das memórias de docência inviabiliza meu mudar.

A “experiência está voltada para o mundo exterior. Ver e pensar claramente vão além do eu” (Tuan, 1983, p.10), uma vez que: “[...] a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar e aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele” (Tuan, 1983, p.10).

Assim, utilizo a minha memória de estudante na educação básica para pensar a docência. De tal forma, lembro, nesse momento, da escrita sobre as experimentações iniciais com as palavras na infância e verifico que sou tomada por memórias de espaços e lugares passados e presentes. Para Tuan “um retorno introspectivo à nossa própria infância é frequentemente decepcionante, porque tendem a desaparecer as paisagens luminosas e sombrias de nossos primeiros anos, e perduram apenas alguns acontecimentos importantes como aniversários e o primeiro dia de escola” (Tuan, 1983, p. 22-23).

Aos quarenta e dois anos e alguns meses, penso o meu corpo que transita pelas cidades, espaços da infância e da vida adulta. Mas espaços carregados de lugares afetivos que hoje vivem por uma linha imaginária que os separa. Se para Tuan “a experiência é constituída de sentimento e pensamento” (Tuan, 1983, p.11), esse

meu modo de sentir e pensar é onde me encontro nessa proposta de experienciar palavras-imagens-palavras, tentando me relacionar de forma metafórica com terras-paisagens-terras pela memória das experiências da educação básica à docente. De forma que: “[...] a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento” (Tuan, 1983, p.11).

Incessante palavras-imagens-palavras

Comecei a inventariar como surgem as palavras que utilizo em minhas produções, em que reflito sobre o ser professora, um amontoado de palavras que compõem meu pensar em palavras-imagens-palavras. Elas interrelacionam com o olhar para além da imagem, buscando semelhanças, mas reconhecendo que os sistemas verbais e visuais, em uma imagem, não são separados ou dominantes, mas são instigadores para criação de um pensamento indagador e reflexivo.

Ainda saliento que essa proposta apresentada nessa pesquisa traz um novo caminho metodológico para pensar o uso das imagens na esfera educacional, além de que o material corrobora com a possibilidade de diálogo entre imagem e texto, sem sobreposição de importância.

Por fim, palavras-imagens-palavras é um início, muito necessito pensar e reescrever, porém hoje finalizo aqui, necessito te escutar, para me escutar, necessito de falar para me falar, necessito te ler para me ler, necessito apropriar para lembrar.

Palavras-imagens-palavras ainda se conceitualiza através de mim e de você por uma demanda de reescrever a história individual.

Referências

BECK, Ana Lúcia. **Palavras fora do lugar**: Leonilson e a inserção de palavras nas artes visuais, 180 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/77868> Acesso em: 12 ago. 2021.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachimbo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. p.260.

Submissão: 30/10/2023

Aprovação: 11/03/2024